

# **ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID**

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,  
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

## XAVIER ZUBIRI: A HISTÓRIA COMO POSSIBILIDADE

**Joaquim Pinto**

(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Nascido em San Sebastian, a 4 de Dezembro de 1898, Xavier Zubiri foi um destacado membro da Escola de Madrid, núcleo intelectual onde pontificavam nomes como Maria Zambrano, Pedro Laín Entralgo, Julián Marías e Ortega y Gasset, este último, que se constituiu como verdadeiro epicentro desta genealogia madrilenha de pensamento e de quem o autor que nos ocupa foi discípulo assumido.

Se para a sua formação filosófica e teológica o pensador basco elege as academias de Madrid e Roma, é na academia belga de Lovaina que, numa primeira fase, Zubiri aprofunda os seus estudos fenomenológicos, interesse que lhe aponta Friburgo como destino incontornável, orla da Floresta Negra em cuja universidade exerciam a sua actividade académica dois dos expoentes máximos do pensamento fenomenológico de então, Husserl e Heidegger, interlocutores de eleição, no entender de Zubiri, que decide então ‘peregrinar’ até à Brisgóvia, para com eles aprofundar ainda mais os seus estudos, decorria o ano de 1929, abandonando, para o efeito, a docência que à data exercia na capital espanhola.

Um ano depois muda-se para Berlin, onde se dedica ao estudo da física, biologia e filologia. A sua estadia na capital da então República de Weimar fica marcada pela sua hospedagem na Harnack House, conhecido centro da vida científica e intelectual alemã, ocasião que lhe permitiu privar com nomes como Werner Jaeger, Erwin Schrödinger, Max Planck e, neste caso um reencontro, Albert Einstein, com quem já havia contactado em Madrid, na Universidad Central, no decurso do ano de 1923.

Com a eclosão da guerra civil espanhola, em 1936, o pensador basco muda-se para Paris, processo prenhe de urgência, mas que não causa evidente diminuição na sua vida intelectual. Retorna a Espanha em 1939, nas vésperas da França declarar guerra à Alemanha.

Em virtude de fortes constrangimentos impostos à academia espanhola pelo regime franquista, Zubiri foi obrigado a demitir-se de alguns cargos académicos formais. Não obstante a sua intensa actividade intelectual, nesta fase, só consegue manter uma certa dignidade no desenvolvimento do seu

trabalho académico por via do patrocínio de alguns familiares e amigos. Zubiri, autor prolífico e prolixo, teve importantes aparições nas revistas espanholas *Cruz y Raya* e na famosa *Revista de Occidente*, ainda que a sua exoneração das universidades espanholas tenha desenvolvido uma certa resistência nos meios académicos espanhóis da altura, muito por força do su-pracitado e propalado contexto político instaurado pelo regime franquista. Foi do seu relacionamento com alguns importantes estudiosos, de entre os quais o professor Ignacio Ellacuría, expoente da teologia da libertação, que emergiu a possibilidade para a divulgação do seu trabalho e por via da qual granjeou amplo reconhecimento na América Latina, ‘geografia’ onde a filosofia zubiriana se tem desenvolvido até aos nossos dias. Apesar de, em 1979, o governo alemão lhe conceder a Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha, só muito recentemente os académicos espanhóis e portugueses começaram a reconhecer a importância do seu pensamento e da sua vasta obra.

Já doente, o basco escreve em 1983 *O Homem e Deus*, obra que não chegará a terminar, pois veio a falecer em Madrid no dia 21 de setembro do mesmo ano. O seu discipulado instituiu o «Seminário Xavier Zubiri» e, posteriormente, criou a Fundación Xavier Zubiri, através da qual se deu início à publicação das suas obras.

### **Pensamento e ideia de história em Xavier Zubiri**

Zubiri deu desenvolvimento ao seu afã filosófico fundamentalmente em torno da metafísica e da noologia<sup>1</sup>, campos nos quais se notabilizou. A sua filosofia foi categorizada como um “materialismo realista”, com enfoque na reformulação da metafísica clássica que, por via da superação do subjetivismo dominante na modernidade e no clássico realismo ingénuo, nos aporta uma perspectiva totalmente compatível com a ciência moderna.

A existência humana é então entendida como uma “religação” (um dos conceitos fundamentais da filosofia da Zubiri). Na sua análise da História, que aqui nos vai ocupar, Zubiri introduz a necessidade do estudo das possibilidades, ou seja, do que poderia ser e não apenas o que foi. Para Zubiri, aquando da intuição, a realidade é capturada como de facto é. Esta seria,

---

<sup>1</sup> Para Xavier Zubiri a noologia não se confunde com a metafísica, sendo anterior a esta. Sendo assim, a noologia seria uma espécie de filosofia primeira. Na noologia, a apreensão da realidade e a intelecção do sensitivo são factos iguais, ainda que operacionalizados em três etapas distintas: “momento do afeto” (noesis); “momento da alteridade” (noema), “momento de imposição da força” (noergia).

no seu entender, a “apreensão primordial da realidade”, realizada por meio de uma inteligência sensiente, isto é, por via da ligação do âmbito intelectual com o sensorial.

Embora o sentimento e entendimento não possam ser identificados, também não podem ser dissociados, pois, no entender do basco, o sentimento e intelecção são dois momentos de um único ato de apreensão. A isto chama «inteligência sensiente».

Já como catedrático de História da Filosofia, primeiro em Madrid e, depois da guerra civil, “acidentalmente”, em Barcelona, Zubiri situou o problema da História como tema muito próximo. Fê-lo em 1941 num curso de Introdução à Filosofia Grega, ministrado na Universidade de Barcelona, e cuja primeira lição foi publicada em 1942 na revista *Escorial* com o título de “*El acontecer humano: Grecia y el pasado filosófico*”. Tornou a abordar o tema da história num curso sobre a «Estrutura Dinâmica da Realidade», em Madrid, decorria o ano de 1962; finalmente reincidiu no tema em “*Tres dimensiones del ser humano: individual, social e histórica*”, breve curso ministrado em Madrid no decurso de 1974, cuja terceira lição foi publicada nesse mesmo ano na revista *Realitas* com o título: “*La dimensión histórica del ser humano*”. Na leitura desses textos, verificamos que existe uma admirável continuidade e amplificação de um pensamento já anteriormente desenhado nas reflexões de Ortega.<sup>2</sup>

Pintor-Ramos, na sua excelente análise sobre o pensamento de Zubiri<sup>3</sup>, refere que o pensador basco *não pergunta pelo sentido escatológico da história universal, do mesmo modo que o fazem Santo Agostinho ou Hegel.<sup>4</sup> Tampouco constrói meta-relatos para justificar o advir do reino da ciência ou da justiça social sobre a Terra, ao estilo de Comte ou de Marx; nem para profetizar a decadência do Ocidente ou a perda da centralidade e hegemonia mundial da Europa, seguindo a esteira de Spengler e Toynbee.* O que interessava realmente a Zubiri, tal como a Ortega, não era tanto o decifrar do sentido último dos acontecimentos ou realizações, mas a análise da fonte mesma de tais gestos ou eventos, que não é outra mais que o homem e do

---

<sup>2</sup> Desde a assunção do seu discipulado, em 1923, até às necessárias adaptações no seu pensamento maduro.

<sup>3</sup> Cf. Pintor-Ramos, Antonio, *La Filosofía y Su Historia En Zubiri*, Revista Agustiniiana n.º 34, 1993, pp. 267-310.

<sup>4</sup> Não devemos entender, em Zubiri, o termo «escatologia» como o fim dos tempos, ou do mundo, mas sim a integração do sentido absoluto na possibilidade absoluta, isto é, trata-se, passe o neologismo, de um ‘alugarar’ (alcançar lugar) de sentido, uma realização concretizada.

seu sentido: o “*agente, ator e autor*”, precisamente, do devir histórico. O tema da história remonta, assim, à análise daquela dimensão humana que nos permite afirmar que o homem não só tem história, mas é, em si mesmo, um ser histórico, e diz-nos: “*desde o Séc. XVIII sempre se considerou a história como algo que se passa com o homem, hoje, a historicidade, pugna por introduzir-se em seu próprio ser*”.<sup>5</sup>

Tal como em Ortega, a historicidade, para Zubiri, relaciona-se então com o discorrer do tempo, “*Um antes e um depois*”, como também referira Aristóteles. Todavia, o decurso temporal apresenta diversos modos, em consonância com a natureza e os dinamismos do ser que discorre ou se altera. Estão, em primeiro lugar, as coisas físicas cujas alterações são meras sucessões de estados; seguem-se, depois, os seres vivos que cumprem anos, isto é, que no seu trânsito ou caminho, desde o nascimento até à morte, têm em cada momento uma determinada idade; entre os demais seres vivos há o homem que, para além da idade, tem a consciência real de si mesmo, percecionando o tempo como duração da sua própria realidade; realidade que, como nos refere o autor que nos ocupa, ainda com notórias influências de Ortega, *nunca é a mesma, mas que é sempre a mesma, em face das suas alterações*. Mas, para além do recordar de si mesmo, ou a agostiniana *memoria sui*, que nos permite afirmar que “*eu sou um fui*”, o homem tem que viver forçosamente mirando *hacia adelante*, esboçando e realizando os seus projetos. O tempo como projeção é o rasgo essencial da historicidade do ser do homem, aspeto já anteriormente destacado pelas filosofias de Dilthey, Ortega e Heidegger. Porém, sendo uma futuração, na qual eu poderei dizer que também “*sou um serei*”, o homem não é pura futuração. Porque, deste modo, os nossos projetos cairiam no vazio se, de antemão, “*não contássemos com as possibilidades*” para os realizar e, do mesmo modo, não fôssemos “*livres na realidade*” para decidir em cada momento com que possibilidades ficamos para nos realizarmos por via delas mesmas. A historicidade, além do momento de futuração, inclui necessariamente o momento de possibilitação e o de livre volição ou de tomada de decisões. Certamente que o pretérito, enquanto tal, apesar de não existir como realidade fáctica, ou em si, ampara o presente humano, não apenas em forma de memória, mas como universo de possibilidades. Um passado que possibilita o presente e projecta possibilidade no futuro. Quer dizer, sustentados pelas possibilidades outorgadas pelo passado, projectamos e advogamos o nosso futuro na ‘esgrima’ de um presente. Viver é ser e

---

<sup>5</sup> Cf. Zubiri, Xavier, *Natureza, História y Dios*, Madrid, ed. Nacional, 1980, p. 53.

fazer projeto, é uma antecipação do que queremos ser e fazer, quer seja enquanto indivíduo, quer seja enquanto grupo. É este querer acertar a minha vida com a possibilidade aberta aquando dela, esta minha injunção à vida, que nos leva à tomada de decisões, que basculam sempre na relação entre liberdade e constrangimento, num ‘desenho’ que nos parece lugar-comum naquela contemporaneidade<sup>6</sup>. Em face disto, a História constitui-se assim como a validadora de possibilidades previamente criadas pelo Homem, para que este se realize de modo optativo dentro delas.

Zubiri, na sua análise sobre a historicidade do ser do homem, sem retirar importância aos momentos de projeção e de livre decisão, colocou em manifesto o enorme peso que tem na história o momento tradição ou momento de entrega de sentido de uma geração para outra, a passagem de testemunho. Em latim entregar é “tradere”, de onde vem a palavra «tradição» que, tal como Zubiri a entende, está muito distante da ideia que dela tinham os velhos tradicionalismos, que a infetavam com a ideia de um corpo morto que se move. E diz-nos Zubiri: “*a inércia com que [algo] perdura, apesar de tornar presente o movimento de um corpo morto, [e] não a secreta gravidade, que nos retrotraí às raízes vivas da nossa existência para emergir à luz do dia com uma fresca floração*”<sup>7</sup>. E prossegue: “*Esta versão das coisas ao vivente humano é o que faz delas ‘coisas-sentido’. O sentido é, precisa e formalmente, o carácter constructo das coisas como momentos da vida humana. É neste carácter constructo que se constituem as possibilidades da vida*”<sup>8</sup>.

É em *Sobre la esencia* de 1962, que Zubiri estabelece pela primeira vez esta esclarecedora distinção entre “coisas-reais” ou realidade nua e “coisas-sentido”. Uma colina, um riacho, uma flôr e etc., são exemplos de coisas-reais; um barco, um livro, etc., são coisas-sentido. As coisas-reais comportam em si essência e propriedades, porquanto que as coisas-sentido só têm o sentido que lhes conferimos, e pelo qual as definimos, sentido que, por sua vez, se constitui como horizonte das nossas possibilidades. Sendo que, nesta aceção, o homem se joga ou se esgrime na sua vida, própria e individual, social e histórica, conferindo sentido às coisas. Mas a doação de sentido não pode ser um ato arbitrário e caprichoso. Dar sentido às coisas reais é situá-las em relação à necessidade da vida humana, convertendo-as em

---

<sup>6</sup> Vide, a este propósito, as filosofias de Sartre e Berlin.

<sup>7</sup> Cf. Zubiri, Xavier, *En Memoria Del Padre Lagrange*, «Chroniques du Foyer des Étudiants catholiques», 9, 1938, pp. 3-7. Este precioso texto de Xavier Zubiri foi primeiro publicado em francês, durante o autoexílio em Paris.

<sup>8</sup> Cf. Zubiri, Xavier, *Sobre la esencia*, Madrid, Alianza Ed., 1962, pág. 291

recursos para a uma realização pessoal: é uma competência ou capacidade humana de cada um para mobilizar e converter sentido em recursos para se resolver no decurso da sua vida.

No entanto, o mundo humano das coisas-sentido não é um mundo autónomo, pois apoia-se necessariamente nas coisas reais. É uma adequação de sustentação, pois quanto mais acerto houver no sentido atribuído, mais sentido se pode acrescentar em relação contínua. A um sentido adequado dado, uma vida se converte em possibilidades adequadas, possibilidades possíveis, passe aqui a tautologia retórica. Em suma, como refere Zubiri, em *Res Cogitans*, a história é “*a dialética interna das possibilidades humanas*”.

### **Mas afinal o que são as possibilidades humanas para Zubiri?**

Não é simplesmente o mero possível! Possível é tudo o que em abstrato poderia existir, tudo o que não é impossível, uma vez que o possível não tem outra fronteira que não a impossibilidade de se ser em absoluto. Absoluto, aqui, no sentido de nada mais se poder acrescentar enquanto possibilidade de si. Encaremos, aqui, de modo simples, a possibilidade como um balizamento possível, uma finitude ou um ponto de *infinitude*. É o que eu, em concreto, posso fazer num determinado tempo e lugar e o vir a ser desse fazer.

Neste pressuposto, a história, segundo Zubiri, começa quando, e cito apenas esta pequena predicação, “*o animal de realidades*” (humano) descobriu ou criou as primeiras possibilidades: possibilidades de descobrimento e de criação, e tanto umas como outras são aberturas de novas e outras possibilidades. É com estas possibilidades, com as quais contamos em determinado momento e lugar, que vamos realizando e resolvendo a nossa vida, o nosso projeto. Pois, como já referimos, o homem, para viver humanamente, necessita de projetar a sua vida, isto é, antecipar-se ao que quer fazer e decidiu ser. Só assim, tomando decisões responsáveis, pode o homem apropriar-se das melhores possibilidades e, convocando aqui novamente Ortega, realizá-las segundo o seu projeto vital e realizar o seu destino. Situamos, então, a história, não como um simples fazer, nem um estar podendo fazer, mas fazer um “poder vir a fazer ser”, criar e descobrir poder, isto é, possibilidades para se fazer o ser do homem vir a ser.

Concluindo as asseverações, para Zubiri, não há história sem evolução e sem evolução não haveria homem, porque neste sentido, em Zubiri como em Ortega, o Homem é um projeto, um fazer-se, um evoluir-se nesta “toda possibilidade total de si” que é a vida de cada um.